

## INTRODUÇÃO

Os estudos históricos partem da necessidade de compreender o presente e de analisar questões que são postas pela contemporaneidade. Ao olhar o passado pode-se vislumbrar contextos onde a problemática atual também foi foco de incertezas por parte de diferentes povos e em outros períodos. Para Bosi, algumas vezes “[...] o presente busca ou precisa livrar-se do peso do passado; outras, e talvez sejam as mais numerosas, é a força da tradição que exige o *ritornello* de signos e valores sem os quais o sistema se desfaria” (BOSI, 1992: 377).

Desta forma, a História tem importância fundamental nos estudos sobre a ciência, pois entender o percurso que um determinado ramo de conhecimento percorreu implica na identificação de: idéias, contexto, escolhas, dificuldades e envolvimento sociais pelas quais se pautou o desenvolvimento científico (LOPES, 1993).

A compreensão deste universo permite avaliar os rumos que os cientistas contemporâneos devem impor às pesquisas na atualidade. Logicamente, que o estudioso não é o único responsável pela trajetória de uma ciência. Somam-se às ações dos pesquisadores outros fatores como as contingências históricas, os recursos disponíveis, os embates políticos, as possibilidades ou não de intervenção por parte dos investigadores, os interesses sociais entre muitos outros elementos. No entanto, os avanços ou retrocessos de um dado campo do saber também dependem do ritmo que o cientista imprime ao conhecimento científico e às suas formas de efetivação.

A atualidade impõe à Arqueologia e à Museologia alguns desafios como: a necessidade de intervenção social do conhecimento científico para o estabelecimento de identidades, a valorização das culturas pré-históricas evidenciando o legado cultural deixado para a Humanidade, a preservação e a comunicação da herança patrimonial arqueológica, a valorização e democratização cultural e científica e a popularização do conhecimento. Essas questões são discutidas, atualmente, no âmbito da Arqueologia Pública e nas possibilidades da Museologia enquanto disciplina aplicada no campo da Musealização da Arqueologia (FUNARI, 1990; BRUNO, 1999; MERRIMAN, 2004).

Portanto, apresenta-se a necessidade do equacionamento desses desafios para que seja possível o estabelecimento de parcerias com um público informado e disposto a colaborar com os processos de desenvolvimento da pesquisa arqueológica impedindo a destruição do

patrimônio e que permita que a ciência exerça a sua responsabilidade social contribuindo para a melhoria dos contextos onde está inserida (BRUNO, 1984; 1994).

Em outra realidade histórico-científica este problema foi apresentado e respondido pelo intelectual Paulo Duarte e as decisões tomadas por este estudioso podem servir de parâmetros para as necessidades museológicas e arqueológicas atuais, pois o conhecimento sobre a historicidade dos processos institucionais e científicos são fundamentais e decisivos para implementação de novos procedimentos, pois é a par das informações passadas que compreendemos as necessidades, continuidades ou rupturas que influenciaram a atualidade (BRUNO, 1999).

Desde os primórdios, os estudos arqueológicos estiveram relacionados com as instituições museológicas. A Museologia<sup>1</sup> no final da década de 50 – século XX - preocupada com a democratização e a inserção social de suas práticas adotou no âmbito das discussões teóricas a necessidade de novas formas de musealização que permitissem a intervenção social na realidade brasileira (ARAÚJO; BRUNO, 1995).

Por outro lado, os estudos arqueológicos no Brasil, do mesmo período, foram marcados pelas questões patrimoniais em diversos estados como o Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, além dos programas científicos de pesquisa organizados por instituições estrangeiras. Os intelectuais de diferentes origens profissionais agiram contra a destruição do patrimônio arqueológico (PROUS, 1992).

Em São Paulo, como já mencionado, o intelectual que esteve à frente dos processos de preservação do patrimônio arqueológico e da implantação de instituições que propiciaram além da salvaguarda, as condições de pesquisa arqueológica foi o arqueólogo Paulo Duarte, que também não poupou esforços na luta pela legislação de proteção deste segmento patrimonial.

As ações de Duarte tiveram como parâmetro para a Musealização da Arqueologia a idéia de Museu do Homem Americano que teria como base o Musée de l'Homme (França),

---

<sup>1</sup> Conforme Bruno: “A Museologia surgiu e tem sido organizada como uma área de conhecimento, justamente para equacionar os aspectos técnicos, teóricos e metodológicos, relativos à constituição, implementação e avaliação dos processos que as sociedades estabelecem para a seleção, tratamento e extroversão dos indicadores da memória. É, portanto, uma das áreas de conhecimento que se ocupa das formas de enquadramento dos bens patrimoniais e seus profissionais são agentes da educação e da memória”. Desta forma “[...] é possível afirmar que esta disciplina aplicada tem se interessado pela compreensão das relações entre as sociedades e a realidade patrimonial, como também, a sua aplicação propicia a transformação das referências patrimoniais em herança cultural [...]” (2002: 73-75).

modelo museológico organizado pelas idéias de Paul Rivet, que participou de forma efetiva das ações do intelectual (BRUNO, 1999).

Paul Rivet e Paulo Duarte imprimiram à Arqueologia paulista, bem como aos estudos arqueológicos nacionais e internacionais, hipótese aventada por este trabalho, as mentalidades voltadas para o desenvolvimento das relações internacionais, a compreensão mútua entre os povos, a cooperação internacional e a missão social do conhecimento do passado. Esses ideais foram propagados pelas ações desses intelectuais e tentaram transformar as idéias existentes em relação ao patrimônio arqueológico, que possuía para alguns segmentos sociais maior importância monetária do que científica (DUARTE, 1950; RIVET, 1957).

Portanto, este trabalho propôs questões e análises concernentes ao desenvolvimento da Arqueologia em São Paulo, nos anos 50 e 60 do século passado, identificando a missão sócio-científica vinculada aos procedimentos museológicos com vistas à transformação da realidade do período estudado. Este foco de estudo, cujas barreiras cronológicas retrocederam aos anos 30, permitiu compreender o legado histórico que a ciência arqueológica recebeu deste período, bem como as implicações científicas para as questões atuais da Arqueologia Pública e da Musealização da Arqueologia. A biografia de Paulo Duarte, bem como as mentalidades do intelectual e do seu grupo político e social, do Brasil e da França, pautaram a trajetória desta pesquisa.

Em alguns momentos do trabalho, as referências às mentalidades dos grupos em que Duarte foi partícipe imbricaram-se tão fortemente com outros universos intelectuais, que as trajetórias quase que se confundiram e imprimiram ao trabalho, muitas vezes, a necessidade de abordar ambientes, trajetórias e períodos paralelos com o fito de compreender o universo cultural e intelectual em que se inseria Paulo Duarte. Esta configuração se revelou de forma enfática nos capítulos 1 e 2, quando as abordagens das ações de Paulo Duarte ainda não estavam direcionadas especificamente para a Arqueologia. A análise desse momento (anos 30 e 40) permitiu verificar que o intelectual compartilhava da cooperação e da convergência das mentalidades com Mário de Andrade e Paul Rivet.

A abordagem sobre esses intelectuais visou ampliar a esfera de compreensão do contexto social, científico e institucional, bem como avaliar as contingências a que estava submetida a ciência arqueológica, compreensão necessária e recorrente na abordagem de qualquer universo científico (LOPES, 1993).

Outro aspecto que não foi foco de investigação, mas que pela natureza do trabalho permitiu conjecturar diz respeito às etapas necessárias para a formação de instituições ligadas ao caso estudado e a influência das mesmas para o avanço e compreensão da mentalidade do período. Nesse caso ressalta-se a historicidade dos processos de implantação do Departamento de Cultura e sua importância no cenário cultural paulista, bem como modelo empírico para as práticas arqueológicas, do Instituto de Pré-História, um dos órgãos que constituiu o novo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE) e a constituição da própria Universidade de São Paulo.

Desta forma a pesquisa apresenta-se dividida em quatro capítulos estruturados em face de uma ordenação cronológica:

Capítulo 1 – Aponta a trajetória de Duarte, a partir do final da década de 20 (século XX) e sua aproximação política e cultural com o grupo do jornal “O Estado de São Paulo”, órgão em que trabalhava. As questões pessoais, políticas e o interesse cultural levaram Duarte à Assessoria Jurídica da Prefeitura de São Paulo no governo estadual de Armando Salles de Oliveira. Nesse período também atuou como Deputado na Assembléia Legislativa de São Paulo e foi responsável pela estruturação e implantação de instituições educacionais e culturais como a Universidade de São Paulo e o Departamento Municipal de Cultura, cidade de São Paulo. No desenvolvimento dessa última instituição estabeleceu parceria estreita com Mário de Andrade influenciando também a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). O Departamento Municipal promoveu ações em prol da cultura que visavam à melhoria social através do trinômio: pesquisa, identificação do problema e intervenção para a resolução, principalmente através de ações culturais (DUARTE, 1960; BARBATO JR., 2004: 60-61). A proposta central do capítulo esteve vinculada à interpretação das ações de musealização e preservação patrimonial, centradas em questões de brasilidade e que posteriormente, se refletiriam na Arqueologia e nos procedimentos de Musealização desta ciência, baseada em conceitos humanistas e universais.

- Capítulo 2 – Aborda o histórico da Musealização da Arqueologia pelas principais atividades relacionadas às coleções arqueológicas em instituições que contemplavam este ramo científico no âmbito do estudo das Ciências Naturais (século XIX) e que cederam espaço posteriormente, às pesquisas desenvolvidas pelas proposições dos estudos antropológicos - início do século XX (SCHWARCZ, 1989; LOPES, 1996).

No segundo momento a análise contempla a trajetória de Paul Rivet e o projeto museológico desenvolvido pelo americanista no Museu do Homem, Paris. A extensa abordagem visa contextualizar o paradigma científico da instituição e as mentalidades do cientista que encontraram ampla aceitação e similitude com os ideais culturais de Duarte. A análise sobre os processos institucionais, relacionando-os com seus contextos sociais, científicos e políticos permite compreender as razões e as funções denotadas ao conhecimento científico antropológico relacionado à promoção humana e ao fim dos preconceitos e nacionalismos, propugnando uma pátria comum e a união entre os povos (MISCELLANEA..., 1958; DUARTE, 1960; SOUSTELLE, 1976).

Por fim, o último foco deste capítulo evidencia a trajetória de Paulo Duarte como exilado no Museu do Homem e posteriormente, a saída do intelectual da cidade de Paris devido à ocupação alemã ocorrida no contexto da Segunda Guerra Mundial. Essas passagens imprimiram marcas na interpretação do intelectual no que concerne à responsabilidade científica na condução de processos de transformação da humanidade, elementos que encaminharam definitivamente Duarte para os estudos arqueológicos com o fito de promover a união dos povos, o término dos preconceitos, a fraternidade, a identidade, o sentimento de pertença entre outros (DUARTE, 1960).

- Capítulo 3 – Apresenta o projeto científico e museológico para a América Latina, cuja responsabilidade da condução dos processos de pesquisas interdisciplinares cabia ao Museu do Homem em consonância com os países onde as investigações eram desenvolvidas. Tais pesquisas procuravam responder à questão central da época relacionada à Origem do Homem. Dessa forma a abordagem identifica o estabelecimento de ações e relações amplas na implantação do desenvolvimento das expedições científicas implementadas em diversos países. Neste contexto, o Brasil teria um papel fundamental e funcionaria como paradigma científico para a América Latina. Em face desta perspectiva foram fundados no Musée de l'Homme o Instituto Francês de Altos Estudos Brasileiros e uma ala de etnografia do país, na qual inseriam-se os estudos pré-históricos. Paulo Duarte era uma das chaves deste processo por diversos fatores, dentre os quais ressalta-se: o saber científico adquirido no próprio Musée de l'Homme, os conhecimentos políticos no Brasil e as idéias convergentes que compartilhava com Paul Rivet. Neste período também se tentou empreender a Missão Franco-Brasileira, pesquisa de ênfase arqueológica que tinha por finalidade produzir conhecimento científico

arqueológico para justificar a implantação do Museu do Homem Americano no Brasil (MISCELLANEA..., 1958; LAURIÈRE, 2007).

- Capítulo 4 – Enfatiza as ações de Paulo Duarte na promoção da pesquisa, salvaguarda e divulgação da Pré-História. A abordagem foi iniciada pela análise da legislação e as ações empreendidas na promoção do desenvolvimento científico da Arqueologia no país e mais especificamente, em São Paulo nos anos 50 e 60. O exame da legislação, sem nenhuma pretensão jurídica, tentou identificar o contexto social da produção legislativa, ou seja, as marcas das mentalidades e da forma de compreender o comportamento que se desejava coibir e a conduta que se queria alcançar (MENESES, 1987). Esses objetivos eram pautados por um tipo de visão científica que valorizava mais o conhecimento do que o lucro. A principal proposição neste contexto guia-se pelo fato de que a legislação estadual paulista foi anterior às recomendações sobre as Normas de Gerenciamento Arqueológico Internacionais promovidas pela Unesco: “Carta de Nova Delhi” em 1956. Os indícios induzem à proposição da idéia de que as ações de Duarte e Rivet foram responsáveis pela inclusão de inúmeros tópicos no documento internacional que regulamentavam a pesquisa e conseqüentemente, a produção do conhecimento científico<sup>2</sup>.

A instituição responsável pelo gerenciamento e cumprimento da legislação de 1952 foi a Comissão de Pré-História. O Presidente da Comissão, Paulo Duarte, promoveu por diversos mecanismos a diminuição da exploração dos sítios arqueológicos sambaquieiros, os quais foram denominados naquele momento, devido à legislação anterior, de jazidas arqueológicas. Nesse contexto, os inúmeros enfrentamentos que Duarte tentou dissipar revelaram a tenacidade do cientista não somente para preservar, mas também promover a pesquisa científica arqueológica. Atividade que contou com a ajuda de Rivet e de J. Emperaire, arqueólogo responsável por pesquisas pré-históricas no âmbito da Comissão<sup>3</sup> (DUARTE, 1960).

Muitas ações, implantação de instituições e proposição de legislações ocorrem neste período. A abordagem de cada uma delas demonstrou os avanços no âmbito da salvaguarda e

---

<sup>2</sup> Carta de Nova Delhi, de 05 de novembro de 1956. Recomendação que define os princípios internacionais em matéria de pesquisas arqueológicas. **Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura**. Nova Delhi, 06 nov. de 1956 In: BASTOS, R. L.; TEIXEIRA, A. Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico - Org. Haroldo Gallo, Rossano Lopes Bastos e Marise Campos de Souza – São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005, pp. 65-76.

<sup>3</sup> Unicamp - CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História – Correspondência (1960-1965) - Pasta 131 – Relatório histórico de processo relativo ao pedido de vencimentos como diretor e professor do Instituto de Pré-História.

popularização científica se comparadas com as fundadas anteriormente, ou seja, a constituição do conjunto de novos processos científicos era pautada por novos objetivos. Os planos de salvaguardar e pesquisar sempre estiveram contemplados por todas as organizações: na Comissão de Pré-História, no Instituto de Pré-História e Etnologia, no Instituto de Pré-História da USP e no Museu do Homem Americano.

Inúmeras ações de divulgação, ou de ênfase no caráter público e social da Arqueologia foram encetadas: congressos, simpósios, publicações, divulgação na imprensa, cursos, visitas aos sítios, tentativa de formação de profissionais, a comunicação museológica, enfim uma gama de atividades que uniam num único estudioso inúmeras funções interdisciplinares como a de: pesquisador (arqueólogo), museólogo, legislador, professor e representante do estado na condução de processos culturais. Enfim, aspectos diversos do patrimônio, da pesquisa e da divulgação foram contemplados<sup>4</sup>.

Na missão de tornar pública a Arqueologia, Duarte centrou esforços nos procedimentos de Musealização Arqueológica, com vistas, principalmente, à Comunicação, processo técnico-científico diretamente relacionado com a divulgação e popularização científica de uma área de especialidade, no caso aqui mencionado a Arqueológica. Dentro deste espírito promoveu toda a expografia do Museu, criou suportes, pensou o percurso expositivo, organizou os recursos expográficos não deixando de contemplar a expologia<sup>5</sup> (CURY, 2003: 172).

Portanto, as necessidades decorrentes da Arqueologia Pública e da Musealização da Arqueologia foram contempladas por Duarte.

Desta forma, a presente dissertação visa por meio dos caminhos percorridos pelo cientista Paulo Duarte evidenciar a importância da ciência arqueológica e da cultura na promoção do bem estar social e humano, pois o intelectual propugnava que somente o conhecimento conduziria ao estabelecimento de uma sociedade saudável<sup>6</sup>. Esse amplo posicionamento de Duarte em relação à valorização da pesquisa científica por meio da luta da preservação do patrimônio arqueológico, freqüentemente foi desprezado. A conhecida

---

<sup>4</sup> As informações para cada um dos itens citados advieram da análise de inúmeras fontes primárias referenciadas separadamente no capítulo 4.

<sup>5</sup> Segundo Cury a “[...] expografia é a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos. Abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e da materialização da forma”. Para a autora a expologia compreende “[...] os princípios museológicos e educacionais de uma exposição, é a sua base fundante” (Cury, 2003: 172).

<sup>6</sup> Unicamp – CEDAE-IEL - Arquivo Paulo Duarte – Pré-História: contribuições para a Campanha do Instituto de Pré-História 1959-1960 – Pasta 286 – sub-pasta 14 (1976-1984): Entrevista concedida por Paulo Duarte a Tjerk G. Franken e Ricargo Guedes em 12/04/1977, pp. 48.

referência da sua contribuição para a Arqueologia com base na aprovação da legislação de 1961 é de reduzida importância se comparada à amplitude do seu projeto arqueológico e museológico. E, principalmente, se levarmos em consideração a mentalidade de Duarte sobre a necessidade do conhecimento para a melhoria social. Portanto, compreender, resgatar e divulgar as ações deste intelectual para um público diversificado, bem como para um conjunto de arqueólogos e museólogos já parece um bom começo para o empreendimento da luta pela aproximação científica e popular.

Aliás, as lutas freqüentemente apareceram associadas à imagem de Paulo Duarte, tenham elas acontecido na política, na Assembléia Legislativa, na Revolução de 1932, no comando de soldados, nas campanhas preservacionistas, onde verdadeira guerra foi travada na busca de compreensão governamental e política. Os conflitos da mesma forma aconteceram no âmbito das matérias jornalísticas, das instituições, na aprovação de legislação, na organização de congressos e cursos de formação profissional ou mesmo nas ações em que era acompanhado pela polícia empreendendo a fiscalização das jazidas para o cumprimento da legislação preservacionista<sup>7</sup>.

A essas lutas somam-se os embates ocorridos nos sítios e nas trincheiras arqueológicas escavadas em face da realização de pesquisas científicas. O combate veemente da incompreensão sobre a importância da Arqueologia, os interesses econômicos e a falta de financiamento para a pesquisa levaram o próprio Paulo Duarte a comparar a sua prática de pesquisador com o espírito de batalha na Revolução: “Numa jazida do Neolítico, o meu espírito é o mesmo das trincheiras de 1932”.<sup>8</sup>

A aproximação da figura de Paulo Duarte com o personagem D. Quixote, de Miguel de Cervantes, estabelecida em inúmeras apreciações pode atribuir às ações do cientista, por parte dos seus contemporâneos, uma proximidade com o ato heróico ou a loucura. Ambas revelaram, em muitos momentos, lutas por ideais ou causas perdidas e apostaram na dignidade do ser humano. Em qualquer uma das interpretações a alegoria foi ressaltada em diferentes discursos relacionados a Paulo Duarte, como o encontrado em Carlos Drummond de Andrade: “Paulo Duarte – o guerreiro cômico, vitorioso em suas derrotas e exemplo ou lição de como dar sentido à passagem pelo mundo” (Duarte, 1976). A alusão apareceu

---

<sup>7</sup> As informações para cada um dos itens citados advieram da análise de inúmeras fontes primárias referenciadas separadamente no capítulo 4.

<sup>8</sup> MAE-USP - Documentação do Instituto de Pré-História (em fase de organização) – Pasta Comissão de Pré-História – Correspondência enviada. Carta de Paulo Duarte a Lúcia (colaboradora do IPH) em 15/12/1962.



novamente em Érico Veríssimo: “[...] Quixote moderno é Paulo Duarte, cavalheiro andante capaz de entrar gratuitamente em pelejas alheias, desde que esteja em jogo o espírito de justiça e de humanidade [...]” (Duarte, 1975: VI). A referência também apareceu na Revista Anhembi, Vivaldo Coracy declarou:

Sempre admirei a coragem, Paulo Duarte. È uma coragem muito aparentada com aquela outra, indômita, que abrasava o peito do fidalgo manchego que Cervantes imortalizou. Eu, por mim, sou mais do gênero Sancho Pança. Cada um com o feitio que Deus lhe deu, não é? – Mas isso não impede que, abraçando com ternura o meu burrinho, eu me sinta possuído de uma grande e sincera admiração por todos os Dons Quichotes, quando os vejo destemidamente investir de lança em riste contra os gigantes da Estupidez, os ogres da Ignorância, os nigromantes do Egoísmo, os dragões da Selvageria, que andam soltos por êste mundo afora, barrando as estradas do pensamento<sup>9</sup>.

E por fim, João Sarmiento Pimentel igualmente firmou a comparação:

Aquêle, como o pobre de mim, também não há – de morrer Alonso Quijano: - deitado numa cama, testamento feito, confêssão e absolvição do senhor Cura, nos moldes burgueses com que Cervantes amortalhou “El INGENIOSO HIDALGO” – antes de pé e lança em riste contra tudo quanto é estupidez, ganância, reacionarismo, maldade, plutocracia.  
Agora, ei-lo, de viseira alevantada e peito descoberto, pedindo campo por sua dama – a Pré-História<sup>10</sup>.

Parte deste comentário trouxe as referências para o título deste trabalho, a alegoria de cavaleiro lutando por causas perdidas ou justas foi transposta para o estudo pré-histórico apontando para as três batalhas principais nos sítios e trincheiras em que se moveu Paulo Duarte: a preservação patrimonial arqueológica, a pesquisa e a popularização científica. Da mesma forma sobre esses três focos a Arqueologia Pública e a Musealização da Arqueologia tentam mecanismos para a promoção desta luta.

Finalmente, evidenciado o foco e a finalidade da pesquisa cabe a abordagem das fontes documentais e a metodologia utilizada. O trabalho procurou suscitar questões relacionadas às especificidades teórico-metodológicas das ciências que fundamentaram esta

<sup>9</sup> Carta de Vivaldo Coracy a Paulo Duarte em 01/12/1950 publicada na Revista Anhembi (1951: 359-361).

<sup>10</sup> Unicamp – Arquivo Paulo Duarte – Pré-História: contribuições para a campanha do Instituto de Pré-História 1959-1960– Pasta 286: Carta de João Sarmiento Pimentel a Yan de Almeida Prado em fevereiro de 1960 cujos comentários referem-se à desistência de Paulo Duarte do jantar oferecido em sua homenagem por conta do seu aniversário pedindo que a quantia de adesão do jantar fosse remetida para o Instituto de Pré-História.

investigação: a Arqueologia<sup>11</sup>, a Museologia<sup>12</sup> (Musealização da Arqueologia) e a História (das mentalidades)<sup>13</sup>.

O repertório advindo das duas primeiras áreas de conhecimento compreendeu a problematização de aspectos relativos ao universo patrimonial entre eles podemos citar: o estabelecimento dos “limites e das reciprocidades” entre o patrimônio arqueológico e os imbricamentos político-culturais; a pertinência do estudo da Musealização da Arqueologia na configuração do museu como foco de preservação e extroversão do segmento patrimonial arqueológico e o museu como instituição privilegiada para a mediação entre o público e a Arqueologia, promovendo identidades, a democratização do conhecimento, sensibilização e a apropriação dos bens arqueológicos por parte da população (BRUNO, 1999).

Por outro lado, o aspecto relevante para a abordagem arqueológica através dos liames conceituais da história das mentalidades (VOVELLE, 1991; LE GOFF, 1995) foi a disponibilização de fontes diferenciadas para a compreensão do desenvolvimento científico arqueológico. As fontes documentais ligadas ao cotidiano das instituições e dos trabalhos arqueológicos como: cartas, ofícios, atas, diários científicos de campo, memoriais entre outros foram explorados com o intuito de vislumbrar: as ações em prol da Arqueologia, os contatos intelectuais que interferiram no desenvolvimento da ciência, a luta e a persistência tenaz na defesa do patrimônio arqueológico, o estabelecimento de condições de pesquisa, a formação profissional, as mentalidades do período, a importância dos museus para a Musealização da Arqueologia entre outros.

---

<sup>11</sup> Conforme Renfrew e Bahn: “[...] a arqueologia é a compreensão do gênero humano, constitui uma disciplina humanística, uma ciência humana. E já que se ocupa do passado do homem, é uma disciplina histórica. Mas se diferencia do estudo da história escrita – ainda que a utilize – em um aspecto fundamental. O material que encontra o arqueólogo[...], pois, [...] somos nós mesmos, no presente, que devemos dar-lhe sentido” (1993: 10). Texto original: “[...] la arqueología es la comprensión del genero humano, constituye una disciplina humanística, una ciencia humana. Y ya que se ocupa del pasado, del hombre, es una disciplina histórica. Pero se diferencia del estudio de la historia escrita – aunque la utiliza – en un aspecto fundamental. El material que encuentra el arqueólogo [...], [...] somos nosotros, en el presente, los que debemos darles sentido”.(1993:10).

<sup>12</sup> Cf. nota 1.

<sup>13</sup> Apesar de definição complexa e que congrega diversas características, ao trabalhar com o conceito de história das mentalidades aponto aqui somente aqueles elementos utilizados na abordagem do tema: História das mentalidades: “[...] estudo das mediações e da relação dialética entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem [...]”. Características: a) O tempo de mudança das mentalidades é um tempo de “longa duração”, portanto, os historiadores trabalham nesta perspectiva “[...] força da inércia das estruturas mentais [...]” (VOVELLE, 1991: 20), b) “[...] métodos de uma história a partir de textos até então desprezados – textos literários ou de arquivo, que atestam humildes realidades cotidianas[...]” (LE GOFF, 1995: 41).

Os métodos da história das mentalidades foram aplicados a este estudo arqueológico pensando nas mudanças de mentalidades a partir das ações de Paulo Duarte: os sambaquis ligados à exploração econômica e posteriormente, divulgam a sua importância como fonte de pesquisa, formação e envolvimento com a comunidade. Portanto, a pesquisa foi realizada com base nas informações cotidianas institucionais, científicas e sociais.

Esse tipo de fonte apresenta características importantes à medida que proporciona identificação de contextos sociais, institucionais, políticos, econômicos, culturais e científicos que moldaram as mentalidades construídas dia-a-dia pelos intelectuais, que imprimiram a marca do seu tempo na condução dos estudos arqueológicos e museológicos (VOVELLE, 1991; LE GOFF, 1995).

Desta forma, os procedimentos metodológicos da pesquisa estiveram comprometidos com as metodologias inerentes às pesquisas biográficas e relativas aos fundos documentais institucionais, voltadas para a interpretação de enfoques temáticos mais abrangentes no que diz respeito aos problemas patrimoniais intrínsecos à Arqueologia.

As ações empreendidas para a análise das fontes documentais foram realizadas em várias vertentes de trabalho na tentativa de abranger uma maior variedade de categorias documentais, dentre as quais ressalta-se: as memórias e a produção literária de Paulo Duarte, a produção científica no âmbito da Pré-História, a coleção da Revista Anhembi, as fontes documentais de fundos arquivísticos e as fotografias.

Constituíram-se em fontes primárias de trabalho: as obras escritas por Paulo Duarte, memórias do intelectual imbuídas de informações autobiográficas e a produção literária que retratou a relação com intelectuais importantes como Paul Rivet e Mário de Andrade. Estas obras contêm publicação de correspondências entre estes intelectuais e são importantes para a análise dos fatos e mentalidades do período estudado (VOVELLE, 1991; LE GOFF, 1995). A produção científica de Paulo Duarte advinda da divulgação de congressos, simpósios e estudos pré-históricos também foi foco de análise por permitir a identificação das questões científicas discutidas no contexto histórico estudado.

O levantamento da Revista Anhembi permitiu rastrear de forma mais ampla os pensamentos de Paulo Duarte a respeito da política, cultura e sociedade e vislumbrar os acontecimentos da época.

Os maiores esforços foram concentrados na pesquisa, seleção e análise das fontes documentais primárias. Devido ao volume de documentos havia uma grande preocupação em organizar as informações advindas de tais fontes.

Os procedimentos metodológicos realizados com as fontes primárias pesquisadas no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”, órgão do Instituto de Estudos da Linguagem da

Universidade de Campinas (CEDAE-IEL/ Unicamp) visaram dar organicidade ao conjunto de informações advindas da análise destes documentos e cruzá-las com as fontes bibliográficas.

Duas listagens foram elaboradas com o intuito de se acessar as informações documentais mais rapidamente sem a necessidade de recorrer a todo o momento ao documento original e pequena parte dessa produção encontra-se no item: anexos.

Os dados compilados nestas listagens visaram organizar as informações, apontar análises a partir do conjunto documental e inserir referências que associam um assunto ao outro, bem como mecanismos de localização do tema e das ações empreendidas por Paulo Duarte. Cabe ressaltar que se realizou um recorte temático para a análise das fontes documentais primárias que enfatizaram o tema: Pré-História. O arquivo Paulo Duarte é muito amplo e essa pesquisa focou e analisou documentos relacionados com a temática. Há ainda muito o quê se pesquisar em ambos os arquivos de Paulo Duarte (MAE – USP e CEDAE-IEL/Unicamp).

Os documentos iconográficos foram utilizados não somente para a ilustração, mas principalmente, na análise do pensamento expográfico de Duarte, pois através deles pode-se recuperar as bases do desenvolvimento do seu projeto museológico. A análise fotográfica permitiu comparar a imagem com outros momentos descritos e tentou identificar local, personagens, estratégias de pesquisa em sítios entre outros.

Por fim, cabe lembrar que as citações de época foram mantidas sem atualizações ortográficas e que Duarte passou por várias destas reformas.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.